A Confederação Sindical Internacional: Resposta à Crise Sindical ?[1]

Ariovaldo Santos

UEL-Londrina

Mail: arioliveira2001@yahoo.com.br

Desde suas origens, o movimento sindical foi marcado por contínuas divisões. Correntes socialistas, comunistas, cristãs, e uma diversidade de outras tendências do movimento sindical buscaram, cada uma a sua maneira, estabelecer raízes nas fileiras da classe trabalhadora. O mesmo ocorreu quando dos esforços de aglutinação dos diversos sindicatos e centrais em confederações de caráter internacional, como é o caso da formação, ao longo do século XX, da Confederação Internacional dos Sindicatos Livres (CISL), da Confederação Mundial do Trabalho (CMT), da Federação Sindical Mundial (FSM) e da Confederação Européia de Sindicatos (CES), para citarmos apenas algumas[2]

Com o final do grande ciclo de crescimento das economias capitalistas, a partir dos anos 1970, as divisões conduzindo à fragmentação não cessaram, embora tenham diminuído de intensidade. Ao mesmo tempo, desenvolveram-se, a nível de organizações locais, tendências no sentido inverso, que apontavam para a fusão de estruturas sindicais, ainda que, em determinados países, como o Brasil, a pulverização continue a ser a tendência dominante. Colocando-se como objetivo imediato do processo de fusão situa-se a necessidade de limitar os custos administrativos, a adaptação ao declínio das adesões por parte dos trabalhadores

---

[1] - Prof. Dr. Ariovaldo Santos. Universidade Estadual de Londrina – Pr. Mail: arioliveira2001@yahoo.com.br.

[2] - DEVIN, Guillaume (org.), ***Syndicalisme: Dimensions Internationales***, France, Éditions Européenes ERASME, 1990.

a uma organização sindical e o imperativo de reforçar a negociação sindical face aos empregadores. Cite-se como exemplo dos processos de fusão, nas últimas décadas, o nascimento em 1974, da confederação SACO-SR, reunindo os assalariados do setor público e a formação, no Japão, em 1987, da Rengo [3].

É dentro deste contexto de expansão das economias e seus impactos negativos para o conjunto da classe trabalhadora que se estabeleceu, no final de 2006, o processo de fusão de duas grandes e tradicionais confederações sindicais internacionais, isto é, a unificação da CISL, inicialmente anti-comunista e, nos últimos anos, se posicionando como de inspiração social-democrata, e da CMT, de origem cristã, criada pelo Vaticano após a Primeira Guerra Mundial, às quais se auto dissolveram para dar origem à Confederação Sindical Internacional (CSI).

O artigo que segue busca apresentar alguns elementos para a melhor compreensão do processo de fusão que se estabeleceu entre as duas organizações. Por tratar-se de processo recente, a documentação a respeito da nova Confederação ainda é bastante precária. Entretanto, é possível extrair, através de materiais informativos preliminares e algumas entrevistas dos dirigentes da nova Confederação, elementos que permitam refletir sobre o seu caráter e conseqüências para o movimento reivindicativo dos trabalhadores. Representa a nova confederação uma ruptura, mesmo que parcial, com os princípios que inspiraram a CISL e a CMT antes de sua dissolução ? Estaríamos diante dos esforços de reconstrução do internacionalismo operário, assentado na perspectiva da luta de classes, que animou fortemente o movimento sindical

[3] - AMADIEU, Jean-François, ***Les Syndicats en Mièttes,***Paris, Seuil, 1999. A título de ilustração sobre a tendência à fusão, no sentido da constituição de sindicatos globais capazes de resistir à globalização cite-se a seguinte matéria: Para contrabalançar a força das empresas globalizadas, os maiores sindicatos de trabalhadores da indústria dos EUA e do Reino Unido adotarão a globalização sindical com a assinatura de um acordo para a primeira fusão sindical em nível internacional (...) O United Steelworkers (USW), sediado em Pittsburgh, no Estado americano da Pensilvânia – maior sindicato industrial da América do Norte - e o britânico Amicus - o maior dos setores industrial e de serviços do Reino Unido -, com sede em Londres, já mantêm uma aliança estratégica, mas planejam aprofundar seus laços criando uma entidade global que teria quase 3,4 milhões de filiados entre EUA, Canadá, Reino Unido e Irlanda (...) Além da USW e Amicus, o Transportation & General Workers Union (T&GWU), também do Reino Unido e que representa os trabalhadores do setor de transportes participa do acordo. O T&GWU fez um acordo de fusão com a Amicus e a partir de 1º de maio deste ano os dois sindicatos ingleses agregarão mais de 2 milhões de trabalhadores e passará a se chamar 'Unite'. http://www.cnmcut.org.br/sgc_data/publicacao/pdf/pub112.pdf.

internacional ao longo do século XIX e, relativamente, durante a primeira metade do século XX ? Se este não é o caso, quais as perspectivas que norteiam a constituição da CIS ?

No intuito de, pelo menos, apontar para uma resposta preliminar às questões colocadas, partimos aqui, do processo de formação da nova confederação e os fatores motivadores do processo. Neste sentido, assinale-se que os trabalhos voltados à fusão das duas organizações tiveram inicio no ano de 2000, muito embora os passos decisivos para tal intento ocorreram através da realização, pela CISL, do Congresso de Miyazaki, no Japão, em 2004 e, do Congresso de Houffalize, na Bélgica, em 2005, realizado pela CMT.

Na origem do processo de fusão das duas confederações está o impacto e desdobramentos imediatos das transformações operadas no espectro político e ideológico ocorridos na Europa do Leste, a partir do final dos anos 1980. A dissolução da União Soviética e a queda do muro de Berlin, obrigaram os "sindicatos comunistas" a passarem por uma verdadeira mutação em suas orientações, com muitos deles deixando as fileiras da Federação Sindical Mundial, identificada aos paises sob influência da antiga URSS, para aderirem à CISL e à CMT. Ao mesmo tempo, a dissolução do bloco soviético foi acompanhada, paralelamente, pelo processo mais aguerrido de expansão dos capitais e sua mundialização. Assim, a "vida política internacional, livre da Guerra fria, não se tornou um grande rio tranqüilo. O sindicalismo internacional é confrontado a uma nova situação: a mundialização. A intensificação das trocas entre os países, o fosso crescente entre países ricos e pobres, o aparecimento das potências emergentes, o impacto das políticas das Instituições financeiras internacionais, a necessidade cada vez mais premente de uma governabilidade mundial reconduziram os dois ramos (cristão e livre) do sindicalismo internacional a seu ponto comum: suas dificuldades em criar uma relação de força favorável aos assalariados dentro de uma economia mundializada".[4]

[4] - Dernier congrès de la CISL lês 30 et 31 octobre: Le mouvement syndical à l'offensive. http://www.cfdt.fr/actualite/inter/actualite/monde/monde_2006.htm. 13 octobre 2006.

Enfim, as transformações operadas nos sistemas produtivos, com o desenvolvimento da robótica, das novas tecnologias de informação e sua penetração em diversos ramos de atividade, resultando, inclusive, na redução de efetivos em bastiões tradicionais do movimento sindical. As organizações sindicais foram atingidas por uma tendência contínua à dessindicalização, aliada às dificuldades de representação dos antigos e novos núcleos de assalariados.

O conjunto destes elementos, com particular atenção à dessindicalização, afetou globalmente as organizações mais tradicionais da classe trabalhadora. Salvo algumas exceções, como os países nórdicos, onde as taxas de sindicalização continuam elevadas, em razão, sobretudo, de benefícios colhidos pelo ato de ser sindicalizado. Entretanto, a tendência mais geral foi de perda dos associados, com sindicatos e centrais, inclusive, tendo os seus efetivos reduzidos em alguns casos, em mais de 50 %. Este processo respingou, igualmente, junto às organizações sindicais de estrutura internacional, como é o caso da CISL e da CMT, que vêm de estabelecer a sua fusão para dar origem à CSI.

Desse modo, é possível observar, em um primeiro momento, que o processo de fusão das duas entidades não decorre de uma situação de ofensiva sindical, como se pretende fazer crer. É, antes de tudo, a tentativa de resposta a uma situação defensiva, de estrangulamento, na qual a concentração e a expansão de capitais têm colocado o movimento sindical e reivindicativo dos trabalhadores em xeque no que concerne à construção de respostas adequadas e capazes de atender parcialmente ou no conjunto os interesses da classe trabalhadora dos diversos países.

Aparentemente, a nova confederação nasce marcada pela força. Assim, segundo a nova confederação, que conta com o apoio da CUT, entidade que possui um membro efetivo na direção da CSI, a CSI nasceu representando 168 milhões de trabalhadores e trabalhadoras afiliados a 306 organizações de 154 países e territórios[5]. Entretanto, para além da demonstração de força e das

[5] - "No processo de criação da CSI, a CUT defendeu que a nova organização estivesse aberta também à incorporação das centrais sindicais nacionais que não fossem filiadas às duas mundiais, o que concretizará a filiação de centrais como a CTA (Central de Trabalhadores Argentinos), da

declarações otimistas, o espírito defensivo que marca o nascimento da nova confederação internacional é evidente através das declarações de um dirigente sindical, Anousheh Karvar, secretário nacional da Confederação Francesa Democrática do Trabalho (CFDT), ao afirmar: "A unificação do movimento sindical internacional se insere no espírito ofensivo, para participar à construção de instrumentos de regulação face à mundialização (...) Um dos desafios é o de elaborar os consensos dentro de um contexto onde os interesses dos assalariados são por vezes contraditórios. É também, de passagem, a resposta sindical às ONGS, cujas práticas são muito eficazes mas não levam em conta as necessidades de todas as partes envolvidas" [6].

Em suma, a ofensividade não existe, mas é um objetivo a ser perseguido, uma vez que as estruturas de regulação necessárias ainda estão por serem sedimentadas junto ao movimento sindical em seu estágio atual de desenvolvimento. Enquanto isto, o que se apresenta como certo é apenas a necessidade do "espírito ofensivo", "desafios" e elaboração de "consensos".

Dentro deste ideal de ofensividade a ser construída, qual espírito norteia a nova confederação ? Para Guy Rider, ex-secretário geral da Confederação Internacional dos sindicatos Livres (CISL), e atual secretário geral da nova confederação, "a CISL e a CMT defendem os mesmos valores do sindicalismo livre, democrático e independente". Sob este terreno é que assinala a positividade da fusão das entidades, para formarem a CIS. Se o anti-comunismo de uma e o cristianismo de outra haviam, até o momento, atuado como um obstáculo para a fusão, estas diferenças tornaram-se, no atual contexto, segundo Ryder, problema de segunda ordem. Nas palavras do atual comandante da CSI, o que há,

---

CUT (Central Única dos Trabalhadores) Colômbia, da CGT (Confederação Geral do Trabalho) da França e da CGTP-IN (Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses – Intersindical), organizações que têm atuado ao longo dos últimos anos no plano internacional em estreita parceria com a CUT Brasil (...) A fundação da CSI, cujo conselho tem entre seus integrantes uma dirigente nacional da CUT, foi um importante passo no sentido da unidade, que deve avançar na sua consolidação na América Latina". ***Resolução política da CUT: construir uma grande jornada conjunta***. www.cut.org.br/downloads2/index.php?option=com_docman&task=down&bid=76 -

[6] - Dernier congrès de la CISL lês 30 et 31 octobre: Le mouvement syndical à l'offensive. http://www.cfdt.fr/actualite/inter/actualite/monde/monde_2006.htm. 13 octobre 2006.

atualmente, entre as organizações unificadas pelo processo "são diferenças de tática, mas não de princípios" [7]. Efetivamente, prossegue Ryder: "A fusão não tornará necessariamente a gestão mais fácil (...), mas será certamente mais interessante e o movimento sindical será mais representativo e mais forte, isto é o mais importante". [8]

Omite-se, no entanto, que as arestas a serem aplanadas não estão apenas no âmbito interno. Nenhuma das duas organizações teve uma adesão 100 % de suas bases para o processo de fusão e diversas são ainda as resistências internas em organizações regionais no que concerne a aglutinarem suas forças à nova confederação.[9]

Consta do plano de ação da nova confederação, manifestações no sentido de colocar fim à hegemonia do fundo Monetário Internacional (FMI), do Banco Mundial e das multinacionais, fomentadoras dos recentes processos de privatizações, precariedade, pobreza, destruição ambiental. Entretanto, para além do plano discursivo, o Programa da CSI é vago quanto às políticas efetivas de apoio às lutas de caráter popular contra as deslocalizações de empresas ou em relação aos acordos de liberalização. Extrai-se das declarações de fundação da CSI, centrado na concepção de "diálogo social", com o FMI e a ONU, entre outras organizações, a ausência de uma crítica incisiva, questionadora, do sistema internacional fundado sobre a dominação dos países integrantes do pólo hegemônico do capitalismo.

Ainda que pautada pelo reformismo social, alinha-se entre as preocupações da nova confederação, um problema real, isto é, a necessidade de atrair, para a luta sindical, jovens e mulheres, os quais têm sido afetados, nos diversos países, pelas transformações em curso colocadas em marcha pelo capital. A necessidade

---

[7] - Dernier congrès de la CISL lês 30 et 31 octobre: Le mouvement syndical à l'offensive. http://www.cfdt.fr/actualite/inter/actualite/monde/monde_2006.htm. 13 octobre 2006.

[8] - Dernier congrès de la CISL lês 30 et 31 octobre: Le mouvement syndical à l'offensive. http://www.cfdt.fr/actualite/inter/actualite/monde/monde_2006.htm. 13 octobre 2006.

[9] - REHFELDT, Udo, Création d'une nouvèlle confederation syndicale internationale. http://www.ires.fr/files/publications/chronique%20internationale/chroniqueires.htm. Chronique Internationale de l'IRES, nº 104.

de incorporação deste setores do proletariado é afirmada em documento da organização, segundo o qual, as "jovens mulheres e os homens representam o futuro do movimento sindical e do mundo no seu conjunto. Todavia, eles são igualmente as maiores vítimas do desemprego e do emprego precário, da educação e da formação inadequadas, da exploração e da discriminação sobre os lugares de trabalho", constituindo pois a "melhor maneira de tratar destes problemas" a posição de "se afiliar a um sindicato".[10]

Enquanto a preocupação é legítima, os encaminhamentos dados pela nova Central à resolução da questão revelam, no entanto, o terreno limitado no qual irá se movimentar futuramente. Assim, a CSI propõe seu engajamento em um plano determinado, isto é, "fazer campanha pelo trabalho decente e influenciar sobre as políticas das importantes organizações internacionais, tais como o Banco mundial, o fundo monetário Internacional e a Organização Mundial do Comércio". A estes esforços se agregam outros dois, igualmente vagos no que concerne a proposições concretas. Primeiramente, "promover uma ação própria para melhorar a organização dos jovens, mulheres e homens, assim como sua representação nos sindicatos, afim de que sua voz seja escutada a todos os níveis no interior dos sindicatos e que seus direitos sejam protegidos sobre o local de trabalho". Segundo esforço, igualmente apresentado de modo genérico, "melhorar a transição da escola ao trabalho, se endereçar aos jovens nas escolas e no quadro de sua primeira experiência de trabalho em vistas a reduzir seu eventual tempo de desemprego e reforçar sua participação nos sindicatos". Enfim, "garantir um acesso universal a uma educação e a uma formação de qualidade".

Nota-se, pois, que a nova Confederação está atenta a dois setores do universo do trabalho que têm sido duramente atingidos pelas transformações em curso decorrentes das reestruturações produtivas dos anos 1990 e da penetração intensiva e extensiva das novas tecnologias no espaço de trabalho, isto é, os jovens e as mulheres. Entretanto, o terreno no qual busca equacionar este

[10]-Jeunes travailleurs: le futur du mouvement syndical, http://www.ituc-csi.org/spip.php?rubrique94&lang=fr

problema é aquele que convive diretamente com a formulação de "trabalho decente", defendida pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) e, no limite, a perspectiva de empregabilidade, sustentada incisivamente por diversos setores do capital, e que tem seu eixo na proposta de um aprimoramento da força de trabalho através da qualificação profissional, ou, mais vagamente, da educação.

Distante de representar uma reorientação do sindicalismo em direção a um embate mais direto das forças do trabalho contra aquelas do capital, a CSI manifesta, desde suas origens, que o terreno de ação é aquele que busca participar mais do campo institucional dado pelas organizações que têm pautado as discussões a nível mundial e fornecido as diretrizes para o atual desenvolvimento global. Isto é reforçado ao se considerar que, a nova organização não se coloca em contraposição à política reformista da Confederação Européia dos sindicatos (CES), mas, pelo contrário, pretende ser um de seus braços. De acordo com documento elaborado pela CSI, a organização "coopera igualmente de maneira estreita com a Confederação Européia dos Sindicatos" [11].

Seguindo tendência que tem marcado o sindicalismo recente, a CSI se alinha, igualmente, nas trincheiras não apenas do propositivismo sindical como ainda, o que é um de seus desdobramentos, a defesa de um sindicalismo de sociedade, isto é, o "sindicalismo cidadão". Isto se evidencia pela diversidade de temas sobre os quais a nova Confederação procura abarcar, dentre os quais pode ser citado o da construção de políticas mais efetivas no que concerne à luta contra a AIDS [12]. De fato, a CSI busca diversificar seu terreno de luta, isto é, abordando temas como o meio ambiente, direitos dos imigrantes, direitos do homem, ampliando a pauta para além dos direitos do trabalho como instrumento para se apresentar como organização presente e atuante em diversos setores da vida social.

---

[11] - Informations générales: qui sommes nous. http://www.ituc-csi.org/spip.php?rubrique57&lang=fr
[12] - La CSI appelle lê G8 à fournir plçus d'éfforts pour contrer la pandémie du SIDA. http://www.ituc-csi.org/spip.php?article1075&lang=fr

Ancorada no sindicalismo "reformista", dos países capitalistas mais desenvolvidos, e, dirigida predominantemente por antigos quadros da CISL, o discurso de combatividade da nova confederação se choca, no entanto, com a ausência de referências à greve como instrumento de luta, e a palavra salário é colocada em segundo plano para ceder lugar à expressão "trabalho decente". Nos seus horizontes se alinha ainda a capitulação à formulação de "governança mundial", na qual pretende ter um papel ativo, daí decorrendo sua adesão a uma prática de diálogo com as organizações internacionais do liberalismo (FMI, Banco Mundial, OCDE e União Européia).

Centrada na perspectiva de "diálogo social mundial" envolvendo empresas e sindicatos, com a finalidade de reorientar a mundialização através da prática da negociação, na estratégia da CSI os princípios de luta e de relação de forças entre as classes é reduzido ao plano institucional do tripartismo. Neste sentido, se coloca diretamente como continuidade da prática sindical que vem sendo seguida por diversos ramos do movimento sindical há quase um século e que tem contribuído para a falta de rumos das lutas locais, nacionais e internacionais do conjunto do trabalho.

A dimensão defensiva desta estratégia sindical é evidente quando considerado que, para seu atual secretário geral, Guy Ryder, trata-se de lutar para a obtenção "de um sistema mínimo de proteção para garantir um sistema mínimo de direitos. Não se pode deter as deslocalizações de empresas, mas pode-se ensaiar a colocação em prática de regras do jogo para que estas mudanças sejam aceitáveis"[13].

Diversas bandeiras levantadas pela CSI em seus documentos correspondem a uma necessidade real. Cite-se, por exemplo, as preocupações manfiestadas em direção aos jovens e mulheres, anteriormente citadas, e que continuam ausentes em grande parte da luta sindical. Igualmente válidas são as reivindicações voltadas à organização dos imigrantes e informais. Entretanto,

[13] - CSI: toujours e encore. http://www.webzinemaker.com/reunification/. 6 mai 2007

como bem assinala uma análise crítica, externa à CSI: “Trabalhar a unidade da classe operária mundial é certamente a resposta apropriada à fase atual do desenvolvimento capitalista. Iniciar as campanhas internacionais para a redução do tempo de trabalho, contra o trabalho infantil, contra a fome, a dívida e a guerra, para a construção de coordenações sindicais dentro das multinacionais, contra os licenciamentos e as deslocalizações de empresas, pela criação de empregos, a defesa e a extensão dos serviços públicos a nível mundial seria efetivamente o papel de um sindicalismo se fixando sobre uma perspectiva de transformação social. Mas os objetivos atuais da nova internacional sindical estão longe de corresponder a esta ambição. Embora se encontre, na declaração de princípios e dos objetivos propostos a voto às organizações, numerosos eixos reivindicativos, tais como a luta contra as discriminações, a anulação da dívida dos países pobre, a condenação da guerra ou uma espécie de taxa Tobin, as perspectivas gerais permanecem dentro do quadro de um sistema que a (...) CSI, como a maior parte de suas organizações constitutivas, não contestam ou o fazem pouco. Assim, entende a CSI lutar por uma “governança democrática” de uma economia cujo desenvolvimento deve ser “equilibrado” para os trabalhadores e trabalhadoras. Ela “exprime seu apoio incondicional aos princípios e ao papel das Nações unidas”, cuja legitimidade e autoridade constituiriam « uma garantia real de paz, de segurança e de desenvolvimento ». Com tais postulados, a CSI pode visualizar sua ação somente fazendo lobbing junto às instituições internacionais. As burocracias sindicais encontrarão nisto, certamente, novas fontes de financiamento e numerosas sinecuras, mas não uma orientação de luta de classes »[14].

Do elementos anteriormente assinalados é possível, pois, extrair-se o quanto o movimento sindical internacional tem buscado caminhos para responder aos efeitos sufocantes do movimento de globalização sobre o conjunto dos trabalhadores. Porém, extrai-se também, de uma primeira análise, que este processo tem sido construído com as organizações sindicais se colocando

[14] - Eric Perreux, Sindicalismo: uma nova internacional. http://www.lcr94.org/. vendredi, 10 novembre 2006.

caudatárias da agênda estabelecida pelos organismos internacionais, nas quais pretendem intervir com a crença de poder mudar efetivamente os seus rumos. Trata-se sim de um resgate do internacionalismo, capaz de fomentar os sindicatos globais. Porém, refere-se, ao mesmo tempo, aos esforços de construção de uma alternativa que passe ao largo das classes, nos quais a luta contra a exploração do trabalho assalariado cede lugar às ilusões de um « salário decente », obscurecendo-se, assim, o próprio carater da relação nas fileiras do capitalismo.